

Aspectos fonológicos das vogais orais do português falado em Comunidades Quilombolas do Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha

Phonological aspects of the oral vowels of Portuguese spoken in Northern Quilombola Communities of Mina and Vale of Jequitinhonha

Maria do Socorro Vieira Coelho¹

Unimontes, USP, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: Este artigo visa a apresentar características fonético-fonológicas do português falado em duas Comunidades Quilombolas situadas em mesorregiões brasileiras, Norte de Minas Gerais, *Território Gurutubano* e Vale do Jequitinhonha, *Marobá dos Teixeiras*. Sob essa perspectiva, seguindo os postulados da teoria e metodologia da Sociolinguística Variacionista, da Dialectologia e da Geolinguística, aos quais se acrescentaram informações diacrônicas relativas à origem, formação e evolução do português falado nessas comunidades observadas, os resultados comprovaram que os fenômenos registrados na variedade popular e rural do português falado pelos quilombolas não são peculiares às duas mesorregiões pesquisadas, mas heranças linguísticas românicas e portuguesas que se mantêm na fala desses brasileiros. Tais constatações estão alicerçadas em fatos históricos, sociais e evidências linguísticas encontrados em literatura pertinente, principalmente dialetológica, resultantes de investigações feitas com dados da oralidade compilados por pesquisadores brasileiros e portugueses que desenvolvem trabalhos sobre a descrição da língua portuguesa nas regiões de além e aquém-mar. Os resultados também corroboram a vertente teórica de que o português popular brasileiro possui raízes originais, rurais e populares.

Palavras-chave: Gurutubanos. Marobá dos Teixeiras. Português. Dialectologia. Vogais do português.

Abstract: This article aims at presenting phonological and phonetical features of the Portuguese spoken in two Quilombolas Communities situated in the Brazilian middle regions, in the North of Minas, the *Gurutubano* Territory and *Jequitinhonha* Valley, *Marobá dos Teixeiras*. Under such perspective and following the Sociolinguistics principles of Variationism and methodology, the theories of Dialectology and Geolinguistics to which was added diachronic information related to the formation and evolution of the Portuguese spoken in the mentioned regions, the results revealed that the phenomena detected in the popular and rural Portuguese spoken by the *quilombolas* are not peculiar to the two regions researched in this study but Romanic and Portuguese linguistic heritages preserved in the speech of those Brazilian speakers. Such assumptions are based upon historic and social facts and linguistic proofs found in pertinent literature, especially those of Dialectology resulting from investigation made with data from orality gathered by Brazilian and Portuguese researchers who develop works describing the Portuguese language both in Brazil and overseas. Results also corroborate the theory which claims that the popular Brazilian Portuguese language has original rural and popular roots.

Keys-words: Gurutubanos. Marobá dos Teixeiras. Portuguese. Dialectology. Portuguese vowels.

¹ Professora do DCL, Unimontes, MG, Brasil. Pós-Doutoranda da FFLCH, USP, SP, Brasil. soccoelho@hotmail.com

1 Proposta Geral

Propomos, neste texto, apresentar resultados do estudo realizado sobre as características linguísticas fonético-fonológicas das vogais orais do português atualmente falado pelos moradores das comunidades quilombolas do Vale do Gurutuba e do Vale do Jequitinhonha, para aferir o uso de fenômenos linguísticos semelhantes e/ou diferentes nas duas comunidades localizadas em mesorregiões diferentes de Minas Gerais. O objetivo principal é detectar e apontar a manutenção de aspectos fonético-fonológicos vocálicos que divergem daqueles prescritos pela gramática normativa/tradicional da língua portuguesa, bem como comprovar, por meio de dados de fala românicos e portugueses, que tais fenômenos linguísticos ainda se mantêm na fala dos brasileiros das comunidades pesquisadas e, com isso, corroborar a vertente teórica de que o português popular brasileiro possui raízes originais, rurais e populares. Essa nossa desconfiança mineira foi motivada pelo alerta feito por Melo (1981, p. 93), “Minas representa o elemento conservador por excelência. Pelo que respeita à linguagem, tanto culta, como familiar ou popular, é lá que me parece estar a feição primitiva.”

Orientaram esta pesquisa os pressupostos teóricos da Sociolinguística, da Dialectologia e da Geolinguística cuja preocupação central é estudar diferentes usos da diversidade da língua portuguesa (LP) falada, sob o viés sincrônico, considerando as relações entre o espaço geográfico, a cronologia e a distribuição dos fenômenos estruturais, observando a norma diatópica do lugar e relacionando os aspectos estruturais aos não estruturais. Tais pressupostos teóricos, apesar de compartilharem objetivos comuns, possuem enfoques diferentes, pois, enquanto a Sociolinguística prioriza verificar as relações entre os fatos linguísticos e os sociais, a Dialectologia observa a localização dos fenômenos linguísticos de dialetos e falares descritos em espaço geográfico e a Geolinguística pesquisa a diversidade linguística oriunda de espaços geográficos diferentes.

A Sociolinguística admite que: a língua é heterogênea, mas passível de sistematização; o falante é importante no processo de sistematização de casos de variação; a relação entre língua e sociedade é relevante, não podendo ser desprezada numa análise linguística; a compreensão de fatos linguísticos implica a identificação dos fatores linguísticos e sociais que condicionam os casos de variação; e os processos de mudança verificados em uma comunidade de fala atualizam-se na variação observada em cada momento nos padrões de comportamentos

linguísticos observados nessas comunidades, sendo que nem toda a variabilidade e heterogeneidade de uma estrutura linguística pressupõem mudança. Trata-se de uma ciência que entende comunidade de fala como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos e normas linguísticas que distinguem seu grupo de outros. E, porque os membros de um determinado grupo comunicam-se, relativamente, mais entre si do que com os outros, isso redundando na conservação de suas características linguísticas. Além disso, os membros compartilham normas, atitudes, marcam identidades e registram diferenças ao usarem sua língua, posicionando-se diante das diferentes maneiras de falar. Essas diferenças podem ser marcadas por fronteiras diatópicas e sociais.

Esclarecemos que, apesar de o eixo norteador de nossa investigação ser o da sincronia, não incorreremos no risco de rejeitar o viés diacrônico, pois ele nos ajudou a compreender muitos dos aspectos linguísticos relativos ao desenvolvimento e às modificações observados na fala dos gurutubanos e dos marobenses. Esse direcionamento tem como base a observação sobre a língua portuguesa falada em Minas Gerais feita por Melo (1981, p. 94), quando afirma que o português falado em Minas Gerais guarda “[...]extraordinário número de expressões, construções e modos de dizer antigos da língua[...]. Quem já conversou com mineiros de alguma ou muita instrução, mas principalmente mineiros da linha-trono, sabe quanto ouro velho se guarda na linguagem coloquial dessa gente”.

O Gurutuba e o Marobá dos Teixeiras, as comunidades em estudo, definem-se como ‘comunidade’ por apresentarem limites geográficos e ideológicos bem estabelecidos, tais como: estão localizadas na microrregião Norte do Estado de Minas Gerais e Vale do Jequitinhonha e inseridas na zona rural e classificadas como quilombolas, segundo o Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, Artigo 2º.² São também consideradas comunidades de fala³, porque seus moradores partilham traços e normas linguísticos, crenças e atitudes, vivem conflitos territoriais acirrados, bem estabelecidos e antigos. São grupos de cidadãos que, mesmo tendo leis que lhes assegurem os direitos humanos e outros como saúde, educação, políticas públicas etc., não os veem respeitados pelas autoridades políticas responsáveis por tais leis.

Tanto os gurutubanos como os marobenses sempre viveram entre nós, mas invisíveis

² Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em: 01/17/2017.

³ Há divergências quanto ao conceito de comunidade de fala e de comunidade linguística, que não serão tratados aqui, porquanto já são bem conhecidos os de Bloomfield (1933), Fishman (1976), Gumperz (1962, 1971), Hymes (1967, 1972), Labov (1968 - 1972), Milroy (1987), Romaine (1994) e Saussure (1995).



para nós, exceto em ano de eleições. Devido a essa invisibilidade, instala-se um isolamento relativo, e essa relativa falta de contato com outros falantes de outros espaços reflete um uso peculiar da língua portuguesa falada por esses povos e outros que se encaixam nessa definição, visíveis em domínios da língua, fonologia, morfologia, sintaxe, vocabulário. São usos linguísticos reconhecidos antigos ou não mais correntes na língua, que, quando usados, revelam um estado de língua mais antigo, como, por exemplo, em: *bamçoço*, *gêmeos*; *estou precisado*, *preciso*; *zelar*, *cuidar*; *fazer titica*, *fazer cócegas*; *dar cuada*, *demorar*, *passar aperto*; *dimudar*, *modificar*; *inganhô*, *ganhou*; *talo*, *tal*; *adispois*, *depois*; *porquera*, *lixo*; *tambureto*, *tamborete*; *maimpuera*,

...quando chegô que entô na mata achô **maimpuêra** tá aqui adiante... **maimpuêra** que é a água conde enche... vai os peixe fica alí... aí... ai ficô preso... né? tinha um talo Marobá ::: um peixe da cabeça redonda... ele cresce... num cresce... assim... imita uma traira aí... ês chegô viu peixe... trazia as penca e tude e meu vô pegô o que quiria trazê(r)... num guentô de levá(r)... de cortada... né... pela mata... foi imhora... lá falava assim... que dia nós vai pu Marobá? aí: a fazenda ficô cuma Marobá... esse apelido foi ês mesmo que butaro... (OT-PBM).

Assim como as abordagens teóricas adotadas nas pesquisas listadas, os pressupostos metodológicos deste trabalho também seguiram algumas recomendações tanto da Sociolinguística, quanto da Dialetologia e da Geolinguística.

A base de dados para a realização deste estudo é composta por duas amostras constituídas por um total de 47 entrevistas, sendo 38 moradores do Território Gurutubano – Norte de Minas Gerais (2008 – 2009) – e 09 da Comunidade Marobá dos Teixeiras – Almenara/Vale do Jequitinhonha (2012 – 2014). Os informantes são os moradores nascidos e residentes nas comunidades estudadas. Os dados foram coletados por meio de observação direta, gravação de falas dos informantes e conversas rotineiras espontâneas entre falantes, bem como por meio de anotações de respostas dadas a questões previamente elaboradas para as entrevistas semiestruturadas. Além disso, foram observados e analisados fatores socioculturais, como faixa etária, sexo, nível de escolaridade, grau de contato com o meio urbano e profissão. Esclarecemos, porém, que, apesar de termos observado tais aspectos, não constituímos uma amostra sociolinguística homogênea, porquanto não preenchemos as células exigidas por essa metodologia.

Coletamos dados de fala de um número máximo de falantes representantes do falar gurutubano e marobense, e esse era nosso propósito principal. Partimos do pressuposto de que, se não há viventes com as especificidades exigidas por uma metodologia de pesquisa de tal

natureza, isso não deveria constituir motivo para não procedermos ao registro de uma língua usada em uma comunidade específica, somente porque ela não se encaixa na teoria e/ou metodologia desenhada pelas ciências que tiveram como base retratos de comunidades específicas. Afinal, é necessário ajustar teorias e metodologias à diversidade dialetológica e sociocultural existentes. Isso é função da Ciência.

Para a transcrição dos dados, consideramos algumas normas propostas pelo projeto Norma Urbana Culta Brasileira (2003, p. 15) e pelo projeto Filologia Bandeirante (2000), com adaptações necessárias ao registro, principalmente, sobre os fenômenos fonéticos/fonológicos peculiares aos falares gurutubano e marobense, que priorizamos registrar.

A primeira pesquisa realizada por Coelho (2010), para sua tese, intitulada *Os Gurutubanos: língua, história e cultura*, teve como objetivo descrever e analisar o português falado pelos habitantes do Território Gurutubano (PBG), da região Centro-norte de Minas Gerais. Os resultados desse estudo mostraram a existência de um falar⁴ do português brasileiro rural gurutubano, ou seja, aquele possui traços específicos que o caracterizam como um falar de área rural. No segundo estudo, Coelho (2010) objetivou, principalmente, descrever a variedade do português falado pelos habitantes da Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeiras – Almenara, Vale do Jequitinhonha. Como objetivo específico, visou a verificar semelhanças/diferenças de aspectos vocálicos orais do português falado pelos gurutubanos e do português falado pelos marobenses.

Os resultados revelaram traços comuns entre os fatos linguísticos pesquisados, sendo que todos os fenômenos vocálicos orais identificados no português falado pelos marobenses foram identificados no português falado pelos gurutubanos. No entanto, o contrário não se confirmou totalmente, pois alguns fenômenos vocálicos do português brasileiro usados pelos gurutubanos não foram encontrados no português falado pelos marobenses, como [a] > [ɐ], [a] > [ɛ], [a] > [u], [e] > [a], [o] > [oy], [i] > [ey], palatalização da vogal [a] em posição átona final [tʃa] e outros. Os resultados, no geral, apontam para a existência de uma variedade do português falado que possui traços específicos que a caracteriza como sendo de área rural. De acordo com a literatura pertinente, parece-nos que os aspectos linguísticos identificados nos estudos, até o

⁴ Cabe ressaltar a definição dada por Alvar (1968, p. 30): “[...] estruturas linguísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes característicos dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de caráter administrativo.”

momento, não nos autorizam a inferir que se trata de peculiaridades do português falado em comunidades quilombolas.

Após a realização dessas duas etapas da pesquisa, descrevemos o uso de fenômenos linguísticos semelhantes e diferentes nas duas comunidades para, a partir disso, verificarmos se os aspectos fonético-fonológicos vocálicos orais, que divergem dos prescritos pela gramática tradicional da língua portuguesa, estão registrados em pesquisas realizadas com dados de fala românicos e portugueses. Com isso, intencionamos identificar casos de manutenção linguística oriundos do português falado em espaços brasileiros e em regiões lusófonas para, então, medirmos a vertente teórica de que o português popular brasileiro possui raízes originais, rurais e populares.

As referências de pesquisas que trabalharam com dados de falas de área rural e de área urbana utilizadas do português falado pelos brasileiros e por falantes do português em terras portuguesas⁵ serão listadas a seguir. Elas serviram de fontes dos dados, tanto do português europeu não-padrão, quanto do português brasileiro não-padrão, para a verificação e comparação entre os fatos linguísticos pesquisados no português falado pelos quilombolas:

a) Fontes dos dados do português brasileiro falado no Brasil

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920]. *Dados colhidos de moradores idosos, roceiros, caipiras do interior de São Paulo.
- COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Os gurutubanos: língua, história e cultura*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Letras, Belo Horizonte, 2010.
- PENHA, João Alves Pereira. *Aspectos da linguagem de São Domingos: tentativa de descrição de linguagem rural brasileira*. In: *Revista Alfa: Revista de Linguística*. v. 20/21, 1975. *Dados de oralidade coletados em 1957, 1958 e 1972, com 15 falantes baixo grau de escolarização e analfabetos, distribuídos em três faixas etárias, 20, 40 e acima de 60 anos, do bairro São Domingos, localizado no município de Elói Mendes, sul de Minas Gerais/MG.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. Tese (Doutorado). USP, São Paulo, 2000. *Dados do português falado por 16 informantes com idade média de 50 anos, baixo grau de escolaridade da Baixada Cuiabana, Centro-Oeste, Mato Grosso, coletados entre 1995 e 1996.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. Tese (Livre Docência) Departamento de Letras - Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. *Dados do português falado por 16 informantes com idade média de 50 anos,

⁵ Registramos nossa gratidão à Marta Scherre por providenciar e nos enviar, prontamente, cópias da maioria das referências bibliográficas do português europeu.



baixo grau de escolaridade da Baixada Cuiabana, Centro-Oeste, Mato Grosso, coletados entre 1995 e 1996.

- SOUZA, Vander Lúcio. *Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural*. Tese (Doutorado em Linguística). UFMG, Letras, 2014. *Dados de oralidade coletados com 53 informantes, baixa escolaridade e analfabetos, com idade aproximada em 70 anos, residentes em nove municípios (Águas Vermelhas, Berizal, Indaiabira, Montezuma, Ninheira, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso e Taiobeiras), que fazem parte da Bacia do Rio Pardo de Minas, Norte de MG.
 - TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro: apontamentos. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLV, São Paulo, 1938. *Dados coletados em alguns lugares de Minas Gerais, Alfenas, São João Del-Rey, Poso Alegre, Teófilo Otoni, Manhuassú.
- b) Fontes dos dados do português europeu não-padrão
- ALVES, Joana Lopes. *A linguagem dos pescadores de Ericeira*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1965/1993. Falar de uma comunidade de pescadores, a 42 km de Lisboa, 11 de Mafra e a 22 de Sintra, sudoeste de Portugal.
 - BAPTISTA, Cândida da Saudade. *O falar de Escusa*. Dissertação (Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1967. *Dados de fala coletados em 1965, de 15 informantes analfabetos com idade entre 42 e 94 anos. Escusa é uma aldeia localizada a 5 km de Castelo de Vide e a 9 de Marvão, pertencentes à freguesia de S. Salvador de Aranha, concelho de Marvão, distrito de Porto Alegre.
 - CRUZ, Maria Luisa Segura da. *O falar de Odeleite*. Dissertação (Licenciatura e Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1969. Licenciatura. *Dados de fala coletados em 1964 e 1965, de 7 informantes, com idade entre 35 e 68 anos, moradores de Odeleite, uma ladeia do sul de Portugal, quase fronteira com a Espanha, aldeia a 14 km do concelho de Castro Marim, pertencente à freguesia de Odeleite,
 - FLORÊNCIO, Maria Manuela Revés. *Dialeto Alentejano: contributos para o seu estudo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2011. *Organizou dados linguísticos recolhidos por Vasconcelos no final do séc. XIX.
 - MARQUES, Maria Casimira Almeida. *O falar de Azoia: povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura, perto de Sintra*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Lisboa: Faculdade de Letras, 1968.
 - MIRA, Maria Helena Farmahouse da Graça. *Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa*. Dissertação (Filologia Românica). Inédito. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1954. *Dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, Casal Ventoso, Cais do Sodré e outros).
 - PEIXOTO Maria Ermelinda. *Germil – Notas etnográficas e linguagem*. Dissertação (Licenciatura e Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1968. *Dados de fala do extremo norte de Portugal, aldeia do distrito de Viana de Castelo e diocese de Braga, coletados em 1965 e 1966, de informantes com idade entre 45 e 57 anos.
 - PEREIRA, Maria Palmira da Silva. *Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do Concelho*. *Revista Portuguesa de Filologia*. Casado castelo: Editora Coimbra, 1951. V. IV. *FaFe – norte de Portugal: comunidade de lavradores,

- habitantes do norte do concelho (Várzea Cova, Moreira do Rei, Ribeiros e Estorãos), perto de Braga.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano. *Monte Gordo*: em estudo etnográfico e linguístico. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1959. Falar de uma região marítima algarvia, extremo sul de Portugal, uma vila de pescadores próxima à Vila de Santo Antão. Conversa com pescadores sobre temas locais e também uso de questionários, pescadores.
 - SIMÃO, Teresa Susana Bengala. *O falar de Marvão*: pronúncia, vocabulário, ditados e provérbios populares. Dissertação. Biblioteca Nacional, Lisboa, 2011. *Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo – Falar da população envelhecida e com alta taxa de analfabetismo.

Após a apresentação da proposta do artigo, descrevemos, na seção 2, os aspectos linguísticos vocálicos do português falado pelos moradores das comunidades marobense e gurutubana. Organizamos essa seção em duas subseções (2.1 e 2.2), nas quais apresentamos algumas das características fonético-fonológicas relacionadas às vogais orais da variedade popular e rural do português falado por essas comunidades. Não aspiramos a apresentar uma investigação exaustiva desse recorte das vogais, mas apenas discutir alguns fenômenos relacionados às vogais orais que julgamos representativos do português falado pelos marobenses e gurutubanos. A fim de perseguir um dos nossos objetivos, confrontamos (Cfr.), conferimos (Cf.), comparamos a nossa descrição com estudos do português falado no Brasil e em Portugal. Essa comparação aparecerá ora em nota de rodapé, ora no corpo do texto. Os exemplos serão transcritos foneticamente, seguindo a proposta do Alfabeto Fonético Internacional SILDoulosIPA.

2 Características fonológicas das vogais orais do português falado em comunidades quilombolas do Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha

As vogais do português falado pelas duas comunidades, assim como do português brasileiro, possuem um sistema composto por sete vogais orais [i, e, ε, a, ɔ, o, u], duas semivogais [w, y] e cinco vogais nasais [ĩ, ê, ã, õ, ã] opostas entre si pela localização (anterior, central, posterior) e pelo grau de abertura (alta, média-alta, média-baixa, baixa).

Em geral, o falar dos indivíduos do território gurutubano é lento, pausado; sua pronúncia possui um ritmo suave, mas firme, que marca, claramente, não apenas a gradação de intensidade menor ou atonicidade variável, mas também o contraste entre uma sílaba tônica ([fri'êto] **friento**, ['velo] **vêlho**, [ve'lĩ] **velhinho**) de uma semitônica ([fri'êto] **friento**, [ve'lĩ] **velím**) e uma



átona ([fri'êto] friento, ['kazɐ] casa), em uma cadeia extensa emitida como:

Inf. êtô... elo kiria da ãa dži novo i... novo gwêtɛ kô vey? nõ gwêtɛ... ke ki akôtesew...
eru omu velo... bêy velĩ i elo Jego na kasɛ i tavũ friu... ã friu ãsĩ ãnohmi dži mês dži
zũy... u mês dži zũy somu mês mays friêtu atɛ pra noys aki... ki aki ɛ kêtʃi j nɛ...
mah meh dži zũy aki faz friu... ai ke ki akôtesew... (APC1G08).

Inf. ...então... elo queria dá uma de novo e... novo aguenta com velho? não aguenta...
que que aconteceu... era um homem velho... bem velhinho e elo chegou na casa e
estava frio... um frio assim enorme de mês de junho... o mês de junho somos mês
mais friento até pra nós aqui... que aqui é quente né... mas mês de junho aqui faz
frio... aí que que aconteceu... (APC1G08).

As vogais constituem a base da cadeia sonora e são pronunciadas, mesmo as átonas mediais e finais, sem pressa. A seguir, fornecemos exemplos que retratam as vogais do falar do português brasileiro usado pelos moradores das duas comunidades quilombolas em estudo, a) / i / [i - y] : [pi'o] pior, [vɛy] velho; b) / e / [e - ɛ]: [pɛʃo] peixe, [ĩ'prɛsto] empréstimo; c) / a / [a]: ['kazɐ] casa; d) / o / [o - ɔ]: [fu'lori] flor, [sor'fɛno] sofrendo; e) / u / [u - w]: [mu'lé] mulher, [ĩ'gaw] igual; f) / ĩ / [ĩ]: [ĩbo'la] embolar; g) / ê / [ê]: [pɛtʃo] pente; h) / ã / [ã]: [kofi'dãw] cordão; i) / õ / [õ]: [mɛstrua'sõ] menstruação; j) / ã / [ũ]: [mũtu] muito.

1.1 Vogais tônicas orais

É de conhecimento geral que as vogais tônicas na língua portuguesa apresentam pouquíssimas alterações não previstas pela gramática padrão, e as poucas variações já registradas são as mesmas mencionadas pelos pesquisadores do português falado em Portugal e no Brasil. Esse comportamento das vogais tônicas não difere do identificado no português falado nas comunidades investigadas nesta pesquisa.

No português falado pelos moradores das duas comunidades, a vogal oral [a] em posição tônica realiza-se como no português padrão, baixa e central, [a] > [a]: PBG, [amu'sa] almoço; PBM, [tu'ma]/tomar⁶. No entanto, além desse registro, essa vogal apresenta algumas particularidades não apontadas pela variedade padrão da LP. Por exemplo, o [a] altera o timbre

⁶ Cf. Amaral (1976, p. 48), Baptista (1967, p. 13), Cruz (1991, p. 6), Florência (2011, p. 32); Santiago-Almeida (2009, p. 82), Simão (2011, p. 75).

para [ɐ], vogal oral central média fechada: ['kʌskɐ] *casca*, ['kʌfnɪ] *carne*, [fa'lʌsɪ] *falasse*, [mohɐ'zɪa] *hemorragia*, ['nʌdɐ] *nada*, ['nʌsɪ] *nasce*, ['sɐvɪ hʌĩɐ] *salve rainha*. Essa vogal [ɐ] pode realizar-se, segundo Barbosa (1994, p. 176-177), em oposição distintiva com [a] em terminações verbais, antes de consoante nasal e, também, antes de contexto não nasal; além disso, de acordo com o autor, “[...] poderemos transcrever / a / ou / ɐ / conforme os usos que se considerarem, ou simplesmente dispensar o diacrítico e indicar na descrição a variedade dos usos que se registra nas formas em questão.”. Esse fenômeno foi, também, observado por Florência (2011, p. 32); Simões (2011, p. 75); Santiago-Almeida (2009, p. 82-83); Baptista (1967, p. 13). Salientamos que se trata de um caso de oposição fonética e não fonológica no PBG.

Destacamos a realização da vogal [a]: com o som [u], [disgra'sudu] *desgraçado*, forma que nos surpreendeu por ser do particípio passado oriunda do latim imperial: “[...]ela tem um veneno **disgraçado** no nu no dente dela...” (CSJ1G14-15). Trata-se da terminação ‘-utu’, própria de verbos em ‘-ere’, como o pretérito perfeito em ‘-uistatus’, ‘consutus’, que se tornou, na língua falada da época, bastante frequente nos particípios dos verbos em ‘-ere’, que representam a fusão dos verbos da 2ª e 3ª conjugações latinas. Surgiram, nos documentos da Galiza e Portugal, as formas ‘-udo’ e ‘-ido’ (XV – XVI), como em: ‘metuda’, ‘sabuda’, ‘vendudo’, ‘criudo’. (COELHO, 2010, p. 296).

A vogal [a] realiza-se com o som de [ɛ]⁷: [ˈpɛra] *para* e, também, em forma de ditongo em [ay] e [aw] quando em sílaba tônica, com inserção de uma semivogal [y]: [trays] *trás*, [ˈkayfɪga] *carga*; [w]: [ˈbawza] ~ [ˈbaws] *base*⁸. Isso ocorre em determinados contextos: quando as consoantes fricativas desvozeadas finais, [h] e [s], precedem uma vogal tônica, uma semivogal é inserida, originando um ditongo, isto é, insere-se um segmento vocálico oral alto em contexto em que uma consoante fricativa desvozeada ocorre em posição final, quando uma consoante glotal ou alveolar precede uma vogal tônica ø.

[ɛ], vogal oral tônica aberta anterior, não apresenta realização muito diferente do proposto pela variedade padrão, PBG: [ˈpɛdɐ] *pedra*, PBM: [muˈlɛ] *mulher*⁹. Algumas vezes,

⁷ Cf. Florência (2011, p. 31), Santiago-Almeida (2009, p. 84), Silva (1951, p. 75), Simão (2011, p. 75) Ratinho (1959, p. 118).

⁸ Cf. Amaral (1976, p. 48), Florência (2011, p. 32), Penha (1975, p. 88), Santiago-Almeida (2009, p. 85), Silva (1951, p. 130), Simão (2011, p. 32-76), Teixeira (1938, p. 48).

⁹ Cf. Cruz (1991, p. 8), Santiago-Almeida (2009, p. 87-88), Simão (2011, p. 76), Ratinho (1959, p. 121).

quando aparece em sílaba tônica, insere-se uma semivogal, [y] e [w] respectivamente: [dɛyz] *dez*, [bonɛw] *boné*¹⁰. Em alguns casos, ocorre uma metátese: [he'mɛydu] *remédio*¹¹.

A vogal oral tônica fechada anterior [e] apresenta ocorrências de timbre semelhantes ao proposto pela variedade padrão do português¹², por exemplo, [ĩgravi'deza] *gravidez*. Registramos a ocorrência dessa vogal em forma de: tritongo [ew] > [yew] *eu*; ditongo [ey]: [veys] *vez*, [tra'veys] *outra vez*¹³. Altera-se o timbre [e] > [i], alçamento vocálico em sílaba tônica: [pu'ki] *porque* no português falado pelos moradores das duas comunidades¹⁴.

No PBG e no PBM, a vogal alta anterior fechada [i] matém as realizações previstas pela variedade padrão da língua portuguesa¹⁵. Citamos realizações do timbre que não se assemelha à norma padrão do PB, [i] > [e]¹⁶: como em [va'reyɐ] *varia*; [i] > [ɛ]¹⁷: [vɛvi] *vive*; [i] ditonga-se em [ey]: [kresey] *cresci*.

Não identificamos alterações na realização da vogal média anterior aberta tônica [ɔ] distinta do previsto pela variedade padrão do PB na fala dos moradores das comunidades gurutubana e marobense¹⁸: [pɾɔkɐ] *porca*, [pɾɔstɐ] *próstata*. O fenômeno da ditongação presente em alguns dialetos do PB ocorre, também, na fala dos moradores dessas comunidades: [nɔys] *nós*, [zɔy] *olho*¹⁹.

A vogal média fechada tônica [o] realiza-se de maneira semelhante ao encontrado na variedade padrão do PB na maioria das vezes²⁰. Destacamos o alçamento em sílaba tônica [o] > [u], ['kumɐ] *como*²¹; em forma de ditongo com a inserção da semivogal [y], [pɔyʃiki] *porco*, ['kɔyɾi] *corpo*, [boylɔ] *bolo*²², e da semivogal [w], ['dɔwzi] *doze*, [ka'tɔwzi] *catorze*, ['tɔwɔ] *toda*²³.

¹⁰ Cf. Amaral (1976, p. 48), Marques (1968, p. 13), Penha (1975, p. 89), Santiago-Almeida (2009, p. 88), Simão (2011, p. 77), Ratinho (1959, p. 21).

¹¹ Cf. Simão (2011, p. 33-34).

¹² Cf. Cruz (1991, p. 9), Santiago-Almeida (2009, p. 87).

¹³ Cf. Amaral (1976, p. 48), Penha (1975, p. 89), Ratinho (1959, p. 29-123), Silva (1951, p. 132), Santiago-Almeida (2009, p. 88-89), Simão (2011, p. 33-34).

¹⁴ Cf. Penha (1975, p. 88), Santiago-Almeida (2009, p. 89), Teixeira (1938, p. 14).

¹⁵ Cf. Cruz (1991, p. 13), Simão (2011, p. 77), Teixeira (1938, p. 15).

¹⁶ Cf. Florência (2011, p. 35), Penha (1975, p. 88).

¹⁷ Cf. Simão (2011, p. 78), Penha (1975, p. 88), Teixeira (1938, p. 15).

¹⁸ Cf. Florência (2011, p. 35), Simão (2011, p. 78).

¹⁹ Cf. Penha (1975, p. 89), Teixeira (1938, p. 16).

²⁰ Cf. Cruz (1991, p. 16), Florência (2011, p. 35), Simão (2011, p. 78).

²¹ Cf. Penha (1975, p. 88).

²² Cf. Penha (1975, p. 89).

²³ Cf. Ratinho (1959, p. 126), Teixeira (1938, p. 16).

O timbre da vogal alta anterior [u] em posição tônica apresenta realização próxima da variedade do PB padrão, [guh'duɾɐ] *gordura*, [ka'sulɔ] *caçula*²⁴. Registramos a realização dessa vogal em ditongo, ['fruɪtɐ] *fruta*²⁵.

Em relação ao comportamento das vogais orais em posição tônica, percebemos que são poucas as alterações em relação à variedade padrão do português atual, e tais alterações são registradas em referências bibliográficas que trabalham com dados de oralidade. Portanto, são fatos linguísticos pertencentes aos usos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil desde séculos passados. Classificamos esses usos como fenômenos em manutenção, dentre os quais destacamos: [a] > [ɐ], [a] > [u], [a] > [ɛ], [a] > [aw], [ɛ] > [ew], [i] > [e], [i] > [ɛ], [ɔ] > [ɔy], [o] > [u], [o] > [oy], [u] > [uy]. Apesar de serem considerados desusos pela literatura, ainda estão presentes no português brasileiro falado pelos marobenses e gurutubanos e, como podemos constatar, em outros lugares do Brasil e de Portugal.

1.2 Vogais átonas orais

As realizações das vogais átonas, no português falado nas comunidades em pesquisa, apresentam maior grau de variação em relação às tônicas, devido ao seu *status* de atonicidade. Todas as vogais átonas apresentaram alterações diferentes do proposto pelas normas da gramática, e as vogais que mais exibiram modificações foram a média fechada anterior e a central, com 8 cada uma, seguida da média fechada posterior com 5 realizações além da padrão. A seguir, descrevemos os usos das vogais átonas.

Em contexto átono, a vogal central [a], além de se realizar com o timbre igual ao da norma²⁶, altera o timbre em contexto pretônico para vogal oral central média fechada, [ɐ]: [amɐɾã'tʃĩnɔ] *Amarantino*²⁶. Realiza-se em média fechada posterior, [o]: [oli'as] *aliás*²⁷; em média fechada anterior, [e]: [he'lavɐ] *ralava*²⁸; em média aberta central, [ɛ]: [ɛlɛ'ziɐ] *alergia*²⁹.

²⁴ Cf. Cruz (1991, p. 19), Simão (2011, p. 79).

²⁵ Cf. Amaral (1976, p. 48), Penha (1975, p. 89).

²⁶ Baptista (1967, p. 13), Cruz (1991, p. 25-39), Florêncio (2011, p. 32), Santiago-Almeida (2009, p. 82), Simão (2011, p. 75).

²⁷ Cf. Ratinho (1959, p. 29), Simão (2011, p. 83).

²⁸ Cf. Silva (1951, p. 130), Marques (1968, p. 15), Penha (1975, p. 90-91).

²⁹ Cruz (1991, p. 30), Penha (1975, p. 91), Ratinho (1959, p. 53), Almeida (2009, p. 86), Santiago-Almeida (2009, p. 86), Silva (1951, p. 130), Teixeira (1938, p. 14).

³⁰ Cf. Teixeira (1938, p. 14).

Além disso, muda-se para vogal alta, [i]: [ʒi'nelɐ] *janela*, [ʒẽ'zibi] *gen'giva*, [ini'miɐ] *anemia*³⁰; nasaliza-se em posição pretônica em [ã]: [ãsi] *assim*³¹ e em [ĩ]: [ĩ'te] *até*³², [ĩɔrɐ] *agora*³³. Altera-se, ainda, em alguns casos, em forma de ditongo [ya]³⁴: [mũtʃyɐs] *muitas*, [pre'feytʃyɐ] *prefeita*.

A vogal média aberta [ɛ], em posição átona, conserva seu timbre como previsto pela norma; todavia, apresenta alterações. Uma delas é o alçamento em contextos tanto posterior [u]: [pu'lezɐ] *peleja*³⁵, quanto anterior [i]: [filiz] *feliz*, [ʒi'zus] *Jesus*³⁶. Além disso, altera-se também nasalizando-se em início de palavra [ĩ]: [ĩdu'kadu] *educado*³⁷ e efetuando-se em [a]: [bate'habɐ] *beterraba*.

Assim como a vogal média aberta [ɛ], a vogal fechada anterior [e] também apresenta alterações que dizem respeito ao alçamento tanto em contexto anterior [i]³⁸: [prĩmi'tidu] *permitido*, [hibu'savɐ] *rebuçava*, [hi'zavɐ] *rezava*, [si'manɐ] *semana*³⁹, quanto em contexto posterior [u]: [su'mãnɐ] *semana*, ['sobu] *sobre*, ['verdɐ] *verde*, ['pɔdu] *pode*⁴⁰. Além disso, altera-se o timbre em [o]: [so'manɐ] *semana*⁴¹; em vogal oral central, [a]: [kriɔ'zenɐ] *querosene*, [sami'a] *semear*, [pra'katɐ] *precata*⁴²; em vogal nasal central, [ã]: [ã'drɛdõ] *edredon*⁴³; e em vogal alta anterior nasal, [ĩ]⁴⁴: [ĩleyi'sãw] *eleição*, [ĩ'zami] *exame*, [ĩski'si] *esqueci*, [ĩ'ʃɐpu] *exemplo*⁴⁵. Amaral (1976, p. 49) esclarece que a vogal [e], quando ocorre em início de vocábulo, nasaliza-se em [ĩ], 'inzempro < exemplo'.

³⁰ Cf. Cruz (1991, p. 39), Peixoto (1968, p. 60), Penha (1975, p. 91), Silva (1951, p. 130), Teixeira (1938, p. 14).

³¹ Cf. Cruz (1991, p. 31), Peixoto (1968, p. 60), Penha (1975, p. 90).

³² Cf. Peixoto (1968, p. 60), Penha (1975, p. 90), Teixeira (1938, p. 14).

³³ Cf. Silva (1951, p. 131), Souza (2014, p. 581).

³⁴ Cf. Penha (1975, p. 94).

³⁵ Cf. Penha (1975, p. 90, 92), Ratinho (1959, p. 17).

³⁶ Cf. Santiago-Almeida (2009, p. 87).

³⁷ Cf. Amaral (1976, p. 49).

³⁸ Cf. Peixoto (1968, p. 65).

³⁹ Cf. Amaral (1976, p. 49), Cruz (1991, p. 33), Florêncio (2011, p. 37), Marques (1968, p. 16), Santiago-Almeida (2009, p. 98-99-100), Ratinho (1959, p. 130, 133, 140), Silva (1951, p. 132), Simão (2011, p. 85).

⁴⁰ Cf. Cruz (1991, p. 34, 41), Marques (1968, p. 16), Mira (1954, p. 31), Peixoto (1968, p. 64), Penha (1975, p. 94), Santiago-Almeida (2009, p. 98, 103), Ratinho (1959, p. 27), Silva (1951, p. 132), Simão (2011, p. 85).

⁴¹ Cf. Cruz (1991, p. 34-35), Penha (1975, p. 91), Ratinho (1959, p. 19).

⁴² Cf. Cruz (1991, p. 32), Marques (1968, p. 16), Penha (1975, p. 90, 91), Ratinho (1959, p. 20), Silva (1951, p. 132).

⁴³ Penha (1975, p. 90).

⁴⁴ Cf. Mira (1954, p. 26).

⁴⁵ Cf. Amaral (1976, p. 49), Cruz (1991, p. 39-43), Mira (1954, p. 26), Peixoto (1968, p. 61), Penha (1975, p. 90, 91), Santiago-Almeida (2009, p. 100-103), Simão (2011, p. 85), Teixeira (1938, p. 15).

A vogal alta anterior [i] realiza-se, geralmente, de acordo com o previsto pela norma⁴⁶, apresentando poucas alterações. Documentamos três ocorrências diferentes da norma: em [u]: [umi'tãdɔ] *imitando*, [sãtu'fi'kado] *santificado*, [musturo] *misturou*⁴⁷; em [e]: [pre'merɔ] *primeiro*⁴⁸; [ĩ'grezɐ] *igreja*, [ĩ'guaw] *igual*⁴⁹.

[o], vogal média fechada anterior, realiza-se, também, conforme previsto pela norma padrão, mas apresenta cinco possibilidades de ocorrências diferentes, em [a]: [daku'mêɔ] *documento*, ['hostɐ] *rosto*⁵⁰; [e]: [sĩki] *cinco*, [fazẽ'derɪ] *fazendeiro*, ['isɪ] *isso*, ['nosɪ] *nosso*⁵¹; [u]: [pu'lisɐ] *polícia*, [nuh'maw] *normal*, [prĩ'sipɔ] *princípio*, [mu'he] *morrer*⁵²; [ã]: [he'zistã] *registro*. O registro da vogal medial [o] em [i]: ['fali] *falo*⁵³, [lidu'zɛri] *Ludugério*, [pidizɪ'mêɪ] *procedimento*; [ku'ãdɪ] *quando*⁵⁴, segundo Amaral (1976, p. 49), existe também no galego.

Já a vogal média aberta central [ɔ] não apresenta variações como a média fechada posterior, exceto em alçamento vocálico, como em [u]: [bu'tavɐ] *botava*, [nuh'maw] *normal*⁵⁵. Esse comportamento foi também registrado em relação à vogal alta posterior [u], com exceção da ocorrência em [i]: [lidu'zɛri] *Ludugério*⁵⁶, em que essa vogal manteve o timbre igual ao da norma padrão da língua portuguesa⁵⁷.

Em relação aos hiatos compostos por vogais átonas⁵⁸, verificamos a redução desses em alta ocorrência, como [i] - [a] > [a]; [hodovi'ara] *rodoviária*; [i] - [o] > [i]: [ri] *rio*; [he'medɔ] *remédio*; [u] [o] > u: [ĩdi'vidɔ] *indivíduo*. Sobre esse fato linguístico, Vasconcelos (1901, p. 104-105), informa que as vogais átonas em hiatos tendem a simplificação do grupo vocálico no português falado em vários locais de Portugal (Estremadura, Minho) desde os séculos XVI e XVII e cita alguns exemplos: *Manoel, Manel; quatorze, catorze; Joaquim, Joquim; Guadar,*

⁴⁶ Cf. Amaral (1976, p. 28).

⁴⁷ Cf. Cruz (1991, p. 36), Peixoto (1968, p. 61, 66), Penha (1975, p. 92).

⁴⁸ Cf. Penha (1975, p. 90, 92), Marques (1968, p. 17), Mira (1954, p. 33), Ratinho (1959, p. 137), Souza (2014, p. 593).

⁴⁹ Cf. Marques (1968; 17), Peixoto (1968, p. 61), Penha (1975, p. 90), Ratinho (1959, p. 17, 135), Santiago-Almeida (2013, p. 23), Silva (1951, p. 132), Souza (2014, p. 581),

⁵⁰ Cf. Marques (1968, p. 18), Penha (1975, p. 90, 92), Simões (2011, p. 79), Teixeira (1938, p. 17).

⁵¹ Cf. Ratinho (1959, p. 22, 28 e 50), Simão (2011, p. 88).

⁵² Cf. Amaral (1976, p. 49), Marques (1968, p. 18), Penha (1975, p. 90, 93), Santiago-Almeida (2009, p. 106), Simão (2011, p. 88), Teixeira (1938, p. 16).

⁵³ Cf. Ratinho (1959, p. 27).

⁵⁴ Cf. Amaral (1976, p. 49), Cruz (1969, p. 27-28), Silva (1951, p. 130), Teixeira (1938, p. 17).

⁵⁵ Cf. Simão (2011, p. 78).

⁵⁶ Cf. Cruz (1969, p. 19, 38), Marques (1968, p. 18), Penha (1975, p. 90, 93), Ratinho (1959, p. 31).

⁵⁷ Cruz (1991, p. 38).

⁵⁸ Cf. Marques (1968, p. 24), Penha (1975, p. 98).

gardar; quaresma, coresma.

3 Breves Considerações

Percebe-se que as vogais átonas apresentam maior variação em relação às tônicas, e isso é registrado pela literatura. Resumimos as realizações divergentes do proposto pela norma padrão e consideradas como casos de conservação linguística:

- a. [a] > [o], [ɛ], [i], [ã], [ya]
- b. [ɛ] > [u], [yi], [a]
- c. [i] > [u], [ĩ], [e]
- d. [i] > [ey]
- e. [o] > [a], [ae], [u], [i], [ã]
- f. [ɔ] > [i]
- g. [ya] > [a]
- h. [ae] > [o]
- i. [ey] > [i]
- j. [ew] > [o]
- k. [iw] > [i] ~ [u]
- l. [ow] > [oy]
- m. [uy] > [u].

3.1 Alterações relacionadas a ditongos orais

No geral, os ditongos no português falado pelos quilombolas desta investigação apresentam comportamentos semelhantes ao proposto pela norma padrão. O processo de monotongação fruto dos ditongos crescentes foram registrados tanto no português falado pelos marobenses quanto no falar gurutubano, sendo que este apresenta alguns registros não identificados no português daqueles. Por exemplo, o ditongo crescente [**ya**] seguido de consoante, geralmente, reduz o timbre em [a]⁵⁹: ['mũtʃiɐs] > ['mũytʃɐs] *muitas*, [pre'feytʃiɐ] > [pre'feytʃɐ] *prefeita*. Os outros fenômenos são comuns aos dois lugares. O ditongo crescente [**yu**] realiza-se em [u]: [prĩ'cipu] princípio.⁶⁰

Sobre os ditongos decrescentes orais, registramos as alterações em redução, [**ay**] realizando como [a]: ['baʃw] *baixo*, ['balu] *baile*⁶¹; [**aw**] monotongando em [o]: [otori'zasãw] *autorização*, [so'da] *saudar*, [fos'tʃina] *Faustina*⁶²; [**ey**] reduzindo o timbre para [i]: [fa'li] *falei*, [dʒi] *dei*, [mã'di] *mandei*⁶³. Em relação a essa alteração, Maia (1986, p. 743) informa que, nos perfeitos fracos dos verbos em ‘-er’ e ‘-ir’, a primeira pessoa termina geralmente em ‘-i’ na linguagem popular portuguesa. Salientamos que não é o caso em questão, pois os registros de dados de oralidade encontrados no português gurutubano são de verbos da primeira conjugação, -ar (achar, casar, deixar, fazer, ficar, mandar etc.). Não identificamos esse fenômeno no PBM.

[ê]: ['henu] *reino*; [e]: ['fetʃɐ] *feita*, [pe'lerɐ] *Pereira*⁶⁴; [**ew**] passa-se a [o] em verbo no pretérito perfeito, [mo'ho] *morreu*. O ditongo [**iw**] apresenta variação entre os falantes gurutubanos, ora ocorre em [i]: [dʒi'retʃiw] > [dʒi'reytʃi] *direito*, ['gadʒiu] > ['gadʒi] *gado*, ['lidʒiu] > ['lidʒi] *Lídio*, [namo'radʒiu] > [namo'radʒi] *namorado*⁶⁵, ora em [u]: ['feytʃiw] >

⁵⁹ Cf. Cruz (1991, p. 63), Mira (1954, p. 38), Penha (1975, p. 97), Teixeira (1938, p. 19).

⁶⁰ Cf. Cruz (1991, p. 65), Simão (1977, p. 101), Teixeira (1938, p. 19).

⁶¹ Cf. Amaral (1976, p. 50), Cruz (1991, p. 52), Marques (1968, p. 14), Peixoto (1968, p. 79), Penha (1975, p. 95), Ratinho (1959, p. 157), Simão (1977, p. 95), Teixeira (1938, p. 17).

⁶² Cf. Marques (1968, p. 20), Peixoto (1968, p. 80), Penha (1975, p. 95), Ratinho (1959, p. 157), Simão (2011, p. 44-95), Teixeira (1938, p. 17).

⁶³ Cf. Cruz (1991, p. 57), Penha (1975, p. 95), Ratinho (1959, p. 154), Simão (1977, p. 97).

⁶⁴ Cf. Amaral (1976, p. 50), Marques (1968, p. 21), Penha (1975, p. 95), Simão (1977, p. 96-97), Teixeira (1938, p. 17).

⁶⁵ Cf. Cruz (1991, p. 63), Mira (1954, p. 38), Simão (1977, p. 98).



[*fet*ju] *feito*, [*igwa'mêt*jiw] > [*igwa'mêt*ju] igualmente, [*li'dzi*iu] > [*lidzu*] *Lídio*⁶⁶.

Os casos de ditongos que monotongaram de um ditongo decrescente, [*iw*] > [*u*] ~ [*i*], e de um crescente, [*ya*] > [*a*], foram registrados na variedade do português falado pelos gurutubanos e pelos marobenses e comentados por Coelho (2010, p. 266-267). Isso nos permite supor que as variações, uma epêntese de [*i*], criando um ditongo, disparou o processo de palatalização das oclusivas alveolares, processo comum em muitas variedades do PB. Posteriormente, a semivogal se perde, deixando a consoante africada em contextos inusitados. Esse processo de epêntese da vogal [*i*], conforme Peixoto (1968, p. 113), é bastante comum em sílaba final terminada em [*a*]: [*la'gaftia*] *lagarta*, e em [*e*]: [*si'klonio*] *ciclone*. Sobre isso, Maia (1986, p. 321-22) afirma que algumas realizações de processos de ditongação são formas consideradas como castelhanismos: *graçia* (1473), *justiçia* (1473 – O – 80), *testymoyo* (1497) e, no tocante à pronúncia de vocábulos como [*do'radzi*iu] *dourado* [*pre'feit*ji], Scherre e Naro (2007, p. 125) comentam que

Essa pronúncia encontra-se intensivamente adotada na televisão brasileira pelo personagem humorístico seu Creysson, no programa Casseta & Planeta da Rede Globo de Televisão, um dos programas humorísticos mais críticos e mais irreverentes da televisão brasileira dos últimos tempos. Isso se reflete de forma ímpar também na publicação em 2002 do livro igualmente irreverente *Seu Creysson – vídia i obria*. Pronúncia do tipo blusia é, todavia, a nosso ver, considerada estranha ao português brasileiro, em quaisquer de suas variedades naturais.

Além dessas modificações, mencionamos, ainda, as realizações dos ditongos [*wa*] em [o]: [*korête*]⁶⁷ *quarenta*; [*oy*] em [o]: [*poh*] *pois*⁶⁸; há também o ditongo [*ow*] alterando o timbre em duas realizações, [o]: [*isguari'to*] *isguaritou*⁶⁹ e [*oy*]: [*soyza*] *Souza*⁷⁰.

No tocante às alterações referentes aos ditongos [oy] e [ow], Vasconcelos (1901, p. 106-108) afirma ser marcas dialetais de lugares de Portugal, como Trás-os-Montes, Minho, Algarve, Beira-Baixa, Baixo-Minho, Alto Alentejo, Baixo Alentejo, entre outros, podendo variar em [ɔ - o - ö - ow - öw - ɔw - ou - woy], *ouro* ~ *oiro* ~ *oro*, *dous* ~ *dois*, *ouvir* ~ *oivir* ~ *ovir*, *toica* ~ *touca* ~ *toca*, *vou* ~ *vo*, *pouco* ~ *poco*. Segundo Cruz (1991, p. 61), esse ditongo monotonga de

⁶⁶ Cf. Simão (1977, p. 98).

⁶⁷ Cf. Ratinho (1959, p. 160).

⁶⁸ Cf. Amaral (1976, p. 50), Cruz (1991, p. 59), Ratinho (1959, p. 156).

⁶⁹ Cf. Cruz (1991, p. 61), Peixoto (1968, p. 84), Ratinho (1959, p. 158), Simões (1977, p. 99).

⁷⁰ Cf. Amaral (1976, p. 50), Cruz (1991, p. 61), Marques (1968, p. 22), Peixoto (1968, p. 83), Teixeira (1938, p. 18).

maneira geral no falar de Odeleite, reduzindo o timbre em [o]. Essa é uma característica do português falado pelos gurutubanos e marobenses. O ditongo [**uy**] efetua-se em [u] em final de sílaba tônica [fu] *fui*⁷¹. Esse caso foi registrado no falar gurutubano, e percebe-se ser antigo no português, pois, conforme Vasconcelos (1901, p. 110), em primeira pessoa do singular do verbo ‘ser’, esse ditongo pode-se reduzir a [u]: *fui* > *fu*.

3.2 Peculiaridades envolvendo as vogais orais

Identificamos alta frequência de palavras nas quais não se realiza a vogal átona /a/ em posição pretônica inicial, diferentemente do que propõe a norma padrão do português brasileiro. É um fenômeno de uso comum no português falado nas duas comunidades⁷². Conforme nos esclarece Coutinho (1976, p. 146-147), muitos dos casos de prótese do português arcaico (XII) provêm da aglutinação do artigo, como em: ‘cipreste > acipreste’, ‘credor > acredor’, ‘lagoa > alagoa’, ‘laesione > aleijão’, ‘minácia > ameaça’, ‘mora > amora’, ‘tambor > atambor’. Ele afirma existirem, ainda, casos comuns de aférese das vogais **a** ou **o** no português antigo, como: ‘abadejo > badejo’, ‘advogado > vogado’, ‘allevantou > levantou’, ‘atonitu > tonto’, ‘inimiga > nimiga’, ‘ojeriza > geriza’⁷³.

Diante desses esclarecimentos, hipotetizamos que os dados de fala gurutubana e marobense colhidos sejam casos de manutenção, ou seja: não sofreram metaplasmos por acréscimo, pois, conforme nos anuncia Williams (2001, p. 27), “[...] pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido; a língua se tornara, no essencial, a mesma de hoje em dia.”⁷⁴ E acrescenta que “[...] a perda da vogal inicial de uma palavra é fenômeno muito comum, mas que não ocorreu com nenhuma regularidade[...].” e cita, como exemplo, ‘imaginare > maginare’ (arcaico e dialetal). Essa observação nos ajuda a compreender a ocorrência mínima de palavras iniciadas em vogal /a/ no dialeto do português brasileiro gurutubano e morobense. Como exemplo disso, registramos: *alembriu, lembrar; alevantou, levantar; amontar, montar; arrebócu, escrever; abastança,*

⁷¹ Cf. Ratinho (1959, p. 159), Teixeira (1938, p. 19).

⁷² Cf. Penha (1975, p. 106), Ratinho (1959, p. 28, 38).

⁷³ Cf. Amaral (1976, p. 54), Penha (1975, p. 104), Ratinho (1959, p. 342-343, 337).

⁷⁴ A história da língua portuguesa foi dividida por alguns em três períodos: a) o período arcaico ou nacional – do século XII ao XVI; b) o período clássico ou médio – do século XVI ao XVIII, e c) o período arcádico ou francês – do século XVIII ao presente. Ver LP, I, 1292-193.

bastar. Por outro lado, muitas formas registradas não apresentaram acréscimo: *dquirinu*, *adquirindo*; *fasta*, *afasta*; *limentu*, *alimento*; *quilibrá*, *equilibrar*; *ripindimentu*, *arrependimento*; *rumei*, *arrumei*; *siná*, *assinar*; *suntanu*, *assuntar*. Isso nos levar a supor que a presença da vogal /a/ em muitas palavras do português é oriunda do processo de escolarização.

Para finalizar, mencionamos, ainda, processos de inserção que atuam em que um *onset* complexo é desfeito, levando uma sílaba do tipo CCV a duas sílabas do tipo CV, em sequência (CCV > CV.CV), por exemplo, casos como: **claro** > *quilaru* ([ki.la]ru); **Clemente** > *Quelemente* ([ke.le]menti); **esfriar** > *esfiriá* (es[fi.ri]á); **flor** > *fulô* ([fu.lo])⁷⁵; b) o *onset* complexo é tolerado se sua criação por metátese desfaz uma sílaba travada, como em: **dormir** > *drumi* ([dru.]mi); **formiga** > *frumiga* ([fru.]miga); **permitida** > *primitida* ([pri]mitida); **porca** > *proca* ([pro]ca⁷⁶) e, ainda, c) a *coda* de uma sílaba travada é movida para a posição de *onset* numa sílaba nova, criada por inserção de vogal. Assim, uma sílaba do tipo CVC se refaz em CV.CV, como em: **dez** > *dezi* (de[zi]); **dificuldade** > *dificuladadi* (difi[ku.li]dadi); **mês** > *mesu* (me[su]) **pessoal** > *pessoali* (pessoa[li]⁷⁷).

4 Considerações Finais

Os resultados comprovaram que os fenômenos registrados na variedade popular rural do português falado pelos quilombolas pesquisados não são peculiares às duas mesorregiões mineiras. São traços linguísticos compartilhados tanto por outros norte-mineiros, por outros mineiros de outras regiões, como também por brasileiros de outras regiões como Cuiabá (Centro-Oeste), São Paulo (Sudeste). Isso nos remete a mais uma nota de Melo (1981, p. 94), quando anuncia que “[...]são poucos os fatos da língua popular de Minas que não se encontram em todo o interior do Brasil e vice-versa.”.

Afirmamos, também, que as características linguísticas identificadas nesta pesquisa são, também, heranças linguísticas românicas e portuguesas que se mantêm presentes na fala desses brasileiros. Tais constatações estão alicerçadas em fatos históricos, sociais e em evidências linguísticas encontrados em literatura pertinente, principalmente as de natureza dialetológica, resultantes de investigações feitas por pesquisadores brasileiros e portugueses que desenvolvem

⁷⁵ Cf. Amaral (1976, p. 54).

⁷⁶ Cf. Ratinho (1959, p. 24).

⁷⁷ Cf. Penha (1975, p. 107), Ratinho (1959, p. 18-149).

trabalhos sobre a descrição da língua portuguesa nas regiões de além e aquém-mar.

Salientamos aqui que, embora as características linguísticas não sejam peculiares ao português falado pelos brasileiros das comunidades pesquisadas, temos para nós que, no português brasileiro falado pelos gurutubanos, há *um conjunto de características peculiares a áreas rurais* não encontrado em qualquer outro lugar do Brasil de que tenhamos conhecimento até a presente data. Isso vem sendo dito por Coelho (2010) já há algum tempo. Isto é, o que estamos dizendo é que os vários fatos linguísticos estão espalhados em lugares do Brasil, mas a reunião da maioria deles está guardada nesta localidade.

Diante do exposto, firmamos, ainda, que os resultados corroboram a vertente teórica de que o português popular brasileiro possui raízes originais, rurais e populares (NARO; SCHERRE, 2007); além disso, parece-nos que essas raízes estão bem representadas em Minas Gerais. Para comprovar isso, recorreremos, novamente, às sábias observações de Melo (1981, p. 94), ao citar Lima (1945, p. 101): “[...]Minas representa a feição brasileira mais antiga e que, por isso mesmo, na generalidade dos casos, nela temos o denominador-comum dos nossos falares plebeus.” Esse autor baseia essa assertiva com base em fatores geográficos, históricos e sociais. Concluindo, ele ensina que “Minas é uma encruzilhada, no Brasil. Nela se cruzam todas as mensagens de nossa gente. Por ela passam todos os caminhos de nossa terra. A ela vêm ter todos os ímpetos contraditórios dos quatros cantos de nossa pátria.” (p. 94).

Encerramos este texto com a certeza de que ele, como qualquer outro, não se exaure aqui, com o sentimento de não termos dito tudo que precisávamos, mas cientes de que muito ainda há a ser investigado. A pesquisa está apenas se iniciando... [ã'demo]!

Referências

- ALVAR, Manuel. *Estructuralismo, geografia lingüística y dialectología actual*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1973.
- ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialeto e hablas. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*. México: D.F. & Austin, Texas, v.15, 1/2., 1961.
- ALVES, Joana Lopes. *A linguagem dos pescadores de Ericeira*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1965/1993.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- BARBOSA, Jorge Morais. *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade. *O falar de Escusa*. Dissertação (Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1967.
- COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Os gurutubanos: língua, história e cultura*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Letras, Belo Horizonte, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da. *O falar de Odeleite*. Dissertação (Licenciatura e Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1969. Licenciatura.

- FLORENCIO, Maria Manuela Revés. *Dialeto Alentejano: contributos para o seu estudo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2011.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina*. Biblos 57, 1986. p. 73-95.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; JNICT, 1986.
- MARQUES, Maria Casimira Almeida. *O falar de Azoia: povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura* Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Lisboa: Faculdade de Letras, 1968.
- MEGALE, Heitor. *Filologia bandeirante: estudos 1*. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.
- MELO, Gladstone Chaves. *A língua do Brasil*. 4ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MIRA, Maria Helena Farmahouse da Graça. *Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa*. Dissertação (Filologia Românica. Inédito. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1954.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Garimpo das origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- PEIXOTO Maria Ermelinda. *Germil – Notas etnográficas e linguagem*. Dissertação (Licenciatura e Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1968.
- PENHA, João Alves Pereira. *A arcaicidade da língua popular brasileira*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, Letras, Franca (SP), 1970.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva. *Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do Concelho*. Revista Portuguesa de Filologia. Casado Castelo: Editora Coimbra, 1951. V. IV.
- PRETI, Dino. Normas para transcrição. In: *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, 2003.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano. *Monte Gordo: em estudo etnográfico e linguístico*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1959.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Desde antes do português brasileiro*. In: Revista de Letras Norteamericanas. v. 6, n. 12, p. 16-30, jul./dez., 2013.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. Tese (Livre docência). USP, São Paulo, 2009.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. Tese (Doutorado). USP, São Paulo, 2000.
- SIMÃO, Teresa Susana Bengala. *O falar de Marvão: pronúncia, vocabulário, ditados e provérbios populares*. Dissertação. Biblioteca Nacional, Lisboa, 2011.
- SOUZA, Vander Lúcio. *Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural*. Tese (Doutorado em Linguística). UFMG, Letras, 2014.
- TEIXEIRA, José de Aparecida. *O falar mineiro*. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLV, São Paulo, 1938.
- VASCONCELOS, José Leite. *Dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud e Cie, 1901.
- WILLIAMS, Edwain Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- <https://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-fonts>. Acesso em: 01 de set. 2017.

[RECEBIDO: agosto/2018]

[ACEITO: novembro/2018]